



Por uma regeneração do design: desenvolvimento do design em relação às questões socioambientais

Towards a regeneration of design: development of design in relation to socio-environmental issues

Natalí Abreu Garcia, mestre, PUC-Rio

nataligarcia@gmail.com

Carlo Franzato, doutor, PUC-Rio

carlofranzato@puc-rio.br

Resumo

Atualmente, designers vivenciam impasses e dificuldades ao buscar reorientar seus processos projetuais a formas mais conscientes de atuação, que possam colaborar para a resolução das diferentes crises que vivemos como sociedade. Muitas destas dificuldades se devem à profunda implicação deste campo nos paradigmas e sistemas sociais e econômicos que determinaram e determinam os modos de existência da (pós)modernidade. O presente ensaio tem como intuito apresentar as origens do design industrial e seu contexto socioeconômico, e colocá-lo em discussão sob as lentes de paradigmas alternativos, e de outras maneiras de agir frente à insustentabilidade dos modelos de desenvolvimento vigentes. Busca-se oferecer contextualização quanto ao surgimento do design industrial na Europa sob uma ideologia inspirada pela modernidade e economia liberal e capitalista, e um posicionamento crítico, que busca na ecologia as bases para uma reforma ou reinvenção da noção de design e de seu papel na sociedade.

Palavras-chave: Evolução do design; Design para a sustentabilidade; Utopias; Regeneração.

Abstract

Currently, designers experience impasses and difficulties when seeking to reorient their design processes to more conscious ways of acting, which can collaborate to resolve the different crises that we are experiencing as a society. Many of these difficulties are due to the profound implication of this field in the paradigms and social and economic systems that determined and continue to determine the modes of existence of (post)modernity. The purpose of this essay is to present the origins of design and its socioeconomic context, and put it up for discussion under the lens of alternative paradigms, and other ways of acting in the face of the unsustainability of current development models. It seeks to provide contextualization regarding the emergence of industrial design in Europe under an ideology inspired by modernity and liberal and capitalist economy, and a critical position, which seeks in ecology the bases for a reform or reinvention of the notion of design and its role in society.

Keywords: Design evolution; Design for Sustainability; Utopias; Regeneration.

1. O surgimento do design moderno na Europa

Forty (2007) faz uma crítica à forma como os historiadores de design concentram-se no estudo das "personagens" do design e não analisam de fato o contexto social e econômico, que, na realidade, ajuda a moldar o desenvolvimento do design. Seu trabalho é fundamental para compreender a contribuição do design nos processos de produção simbólica que geram nossos modos de vida - de trabalho, produção e consumo.

O início do design moderno industrial originou-se da necessidade de separação das etapas da produção manufatureira. Segundo Forty (2007), empresários pretenderam otimizar e aumentar a sua produção para obter maiores lucros, e com isso, ocasionaram uma progressiva exploração do trabalho de pessoas - que outrora, como artesãos, tinham domínio do processo inteiro de produção de produtos. Desta maneira, e buscando "fazer dos homens, máquinas" (Forty, 2007, p. 49), empresários abrem um posto de trabalho que concentra a criação e orientação para a fabricação de produtos, que também passou a contar com a ajuda das máquinas. Ou seja, o design moderno surge desta necessidade do capitalismo industrial, de obter padronização e gerar a "mais-valia".

Cardoso (2000) apresenta as transformações que ocorreram ao longo do século XVIII, causadas mais pelas mudanças organizacionais - do trabalho, da produção e da distribuição - do que, propriamente, pelas mudanças tecnológicas, da mecanização. A saber, o aumento da escala de produção e tamanho das fábricas, bem como a serialização da produção e a progressiva especialização do trabalho. Cabe acrescentar que, tais transformações só foram possíveis devido ao desmantelamento de guildas de artesãos que, de certa forma, protegiam os artesãos livres (Cardoso, 2000).

Em vez de contratar muitos artesãos habilitados, bastava um bom designer para gerar o projeto, um bom gerente para supervisionar a produção e um grande número de operários sem qualificação nenhuma para executar as etapas, de preferência como meros operadores de máquinas. A remuneração alta dos dois primeiros era mais do que compensada pelos salários aviltantes pagos aos últimos, com a vantagem adicional de que estes podiam ser demitidos sem risco em épocas de demanda baixa. Assim, a produção em série a partir de um projeto representava para o fabricante uma economia não somente de tempo mas também de dinheiro. (Cardoso, 2000, p. 28).

Por quanto bom seja o designer, porém, ele não é autônomo e seu poder de decisão é limitado. Suas produções em última instância são levadas adiante, produzidas, apenas se há a escolha do empresário. Por muito tempo, a discussão sobre design se pautou em questões técnicas e artísticas, ligadas a uma suposta "boa forma" dos produtos, isso dificulta a própria consciência e discussão dos sistemas socioeconômicos que levam, primeiramente, à adoção de determinadas relações de trabalho, e também valores e "mitos", que os produtos buscam encarnar e assim se tornarem mais atraentes e vendáveis (Forty, 2007). Falar de design moderno é falar de uma atividade que sempre esteve à serviço dos modos produtivos capitalistas.

Houve designers que batalharam para um objetivo altruísta, o de, através do design e da mecanização, possibilitar o acesso à produtos de qualidade para a população em geral. No entanto, tais tentativas foram frequentemente frustradas, pois o acesso a esses produtos ficou limitado a uma elite intelectual e econômica (Pevsner, 2002).

Neste sentido temos uma visão clara de como a economia foi progressivamente se desenvolvendo e determinando a forma como nos relacionamos e vivemos. Temos, ao mesmo tempo, uma economia que determina como a sociedade deverá se comportar e viver, e, também, extrai "valor" da natureza, dos recursos ambientais. Dentro desta lógica, então o design moderno surge e é desenvolvido, perseguindo melhores resultados para organizações - geralmente à revelia dos impactos socioambientais causados.

É importante a compreensão de que, até o século XVI, não se isolavam os fenômenos econômicos do restante da realidade, "do tecido da vida" (Capra; Luisi, 2014, p. 74). A ascensão do capitalismo foi consequência de uma enorme transformação de valores, que se iniciou no fim da Idade Média e no começo do Renascimento, e que se completou no processo de industrialização. Entre 1500 e 1700 toda a visão de mundo e sistema de valores na Europa sofreu uma grande transformação, e tal visão e valores contribuíram para as bases da moderna era industrial (Capra; Luisi, 2014). O que conhecemos por Revolução Científica também foi responsável por estabelecer uma nova visão de mundo que substituiu a perspectiva orgânica e integrada pela metáfora da máquina. Nesse contexto, também os métodos administrativos para organizações foram se tornando mecanicistas. Ou seja, bem antes da mecanização das organizações, as mesmas já estavam adotando métodos cartesianos e mecanicistas, cujo objetivo era aumentar a eficiência produtiva.

2. Críticos do design moderno

Houve opositores a esse modelo, como William Morris, socialista, foi um crítico ferrenho desta atuação do design à serviço do capitalismo no contexto da mecanização. "Não é desta ou daquela máquina tangível de aço e metal que queremos nos desfazer, mas da grande máquina intangível da tirania comercial, que oprime a vida de todos nós" (Forty, 2007, p. 85). William Morris além de designer, foi pintor, escritor, poeta, reformador social e protagonista do movimento *Arts and Crafts*. Ele se solidarizava com a massa de trabalhadores explorada pelo capital e acreditava que "enquanto o trabalho fosse uma mercadoria usada em função do lucro proporcionado ao não-trabalhador, os seres humanos em geral não conseguiriam viver em condições efetivamente humanas" (Araújo, 2014, p. 26).

Morris escreveu um romance chamado "Notícias de Lugar Nenhum" em 1891, onde apresentou uma utopia que foi também precursora da utopia ecológica. Neste romance vislumbrou um futuro (no ano de 2102) onde as pessoas viviam numa realidade outra que não o capitalismo. Neste cenário, as pessoas entendem o "trabalho como arte, e arte como vida" (1891, p. XX). Também não existe a diferença entre campo e cidade, se vive em um ambiente natural saudável, limpo, não existe propriedade privada, nem mesmo o comércio. As pessoas produzem o que precisam em oficinas, e o fazem com grande qualidade e somente na medida de suas necessidades. Não há distinção de valor entre o trabalho intelectual e o trabalho manual. Ou seja, Morris imagina uma sociedade igualitária e livre, onde as pessoas têm prazer em trabalhar, porque este trabalho é criativo, está à serviço da comunidade, e também o trabalhador tem liberdade para escolher o seu próprio caminho (Araújo, 2014). Podemos dizer que Morris foi precursor, dentro do campo do design, de um tipo de trabalho e proposição estética, que vêm emergindo ao longo das últimas décadas.

Sem ir tão longe, houve outros designers que questionaram o modo vigente da atuação dos designers e da própria produção capitalista, por exemplo, Victor Papanek. Papanek foi um precursor do Design para a Sustentabilidade, em que percebeu a importância de considerarmos os impactos ambientais do fazer-design. Papanek (1990) afirma que há poucas profissões tão

perigosas como o design industrial. Pois nesta era de produção em massa o design molda ferramentas, ambiente e, por consequência, o próprio homem.

É evidente que isso não se deve a um brilhantismo apenas individual. Entre as décadas de 1960 e 1980, a sensibilidade para com o meio-ambiente ganhou relevância, especialmente a partir da publicação do livro “Primavera silenciosa” de Rachel Carson (1962). Importantes relatórios foram publicados acerca dos limites de crescimento e problemas inerentes aos modelos de desenvolvimento econômico vigentes. Em 1973, por exemplo, Maurice Strong utilizou pela primeira vez o conceito de ecodesenvolvimento como uma alternativa de política de desenvolvimento.

Ela integrou basicamente seis aspectos, que deveriam guiar os caminhos do desenvolvimento: a) a satisfação das necessidades básicas; b) a solidariedade com as gerações futuras; c) a participação da população envolvida; d) a preservação dos recursos naturais e do meio ambiente em geral; e) a elaboração de um sistema social garantindo emprego, segurança social e respeito a outras culturas, e f) programas de educação. (Bruseke, 1994, p. 15).

Esta crítica à sociedade industrial e à modernização industrial como política de desenvolvimento das regiões periféricas foi se transformando ao longo das décadas seguintes, adaptando-se, de certa forma, à política vigente. O Relatório Brundtland de 1987 é o resultado do trabalho da Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento das Nações Unidas (UNCED) (Bruseke, 1994, p. 16) e foi determinante para a noção do Desenvolvimento Sustentável: "desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem as suas próprias necessidades" (Cavalcanti, 1994, p. 92).

Na medida em que, como sociedade, questionamos o impacto do pensamento de progresso e desenvolvimento, vislumbramos outros meios para chegar a uma configuração de sociedade (e modos de produção) mais equilibradas e benéficas para o todo. Ou seja, dentro de uma noção capitalista mas sem, contudo, a pretensão de revolucionar essa realidade socioeconômica, muitos outros designers propuseram adaptações em suas abordagens projetuais para dar conta dos problemas sistêmicos causados pela produção industrial. Se isso é realmente possível, é uma outra questão a ser abordada.

Manzini, em 1990, defende uma atitude ecológica dos designers, que deverá orientar processos de projeto e produção. Ou seja, defende um respeito pela natureza, em que se assume um valor que supere a postura de domínio e controle da natureza tão marcada pelo pensamento moderno, sem tampouco cair em uma submissão à uma natureza idealizada. Manzini (1990) propõe que designers pensem de forma sistêmica, durante o processo de projeto, em níveis hierárquicos, como o planeta, a região, os lugares físicos e culturais, os microambientes externos e internos, que constituem o ambiente próximo, e claro, os objetos - de baixo impacto ambiental. Diante da crescente população mundial, o autor não acredita que exista outra solução que não a de um consistente suporte técnico-científico, uma produção adequada, um equilíbrio eco-tecnológico (Manzini, 1990).

Manzini diz que a sustentabilidade requer uma descontinuidade sistêmica, ou seja, que nos movamos de uma sociedade com níveis crescentes de produção e consumo para uma sociedade que diminua tais níveis, aumentando simultaneamente a qualidade de todo ambiente

social e físico (Manzini, 2008, p. 19). Para tal, defende o autor, teremos uma transição baseada em aprendizagem social em larga escala, onde está em jogo uma grande mudança de valores e da própria noção de bem-estar. Neste cenário, são importantes as organizações colaborativas e o trabalho participativo, envolvendo não apenas designers e fabricantes, mas todos os consumidores e cidadãos beneficiários.

3. Uma nova geração de designers

Na mesma década de 1990, o grupo Regenesis, formado por autores como Bill Reed, Pamela Mang, Ben Haggard, entre outros, propôs o design regenerativo. Perante a escassez de resultados da comunidade comprometida com a sustentabilidade, Mang e Reed (2012) observam a insuficiência de seus métodos, agendas e estratégias. Tais estratégias estão comprometidas com a redução ou eliminação dos impactos negativos da ação humana sobre o meio ambiente, ou seja, ainda estão distantes de um modelo que deve se apoiar em uma distinta visão de mundo. Os propositores do design regenerativo fundamentam suas elaborações na ecologia e no pensamento sistêmico da vida. Como proposto por Capra, eles entendem que a Natureza não deve ser reduzida a uma máquina, que o ser humano pode operar e explorar, seguindo lógicas antrópicas e não ecológicas. Dessa forma, eles pretendem, não apenas mitigar os danos criados pelo ser humano, mas procurar uma adequada coevolução dos sistemas humanos com seus ecossistemas socioecológicos. Tal proposta vem ao encontro com um movimento no campo do design para a sustentabilidade em que as abordagens partem de âmbitos tecnológicos e de produtos para âmbitos sociotécnicos (Ceschin; Gaziulusoy, 2016). O design regenerativo acentua então a busca da necessária transformação em modelos de pensamentos e práticas projetuais, que passa por adotar diferentes paradigmas, ancorados em uma visão de mundo ecológica.

Essas compreensões, amparam-se em uma perspectiva ecológica profunda, processual, complexa e respeitosa das diversas relações ecossistêmicas (entre atores humanos, não-humanos, vivos ou não). Dessa forma, fogem da tentativa moderna de bifurcar o mundo em dois diferentes domínios: o da Natureza (Não-Humanos) e o da Cultura (Humanos) (Latour, 1994). Tal separação não ocorre em realidade, porém as ciências naturais e as ciências humanas e políticas trataram de "purificar", isolar e desdobrar, cada vez mais, tais domínios (Harman, 2009).

Nas últimas décadas acompanhamos então uma grande transformação no campo do design, e na própria compreensão do que o design faz. Podemos até arbitrar o nascimento deste campo profissional na época da revolução industrial, mas, como disse Papanek, "Design é o esforço consciente e intuitivo de impor ordem com significado" (Papanek, 1990, p. 4. Tradução dos autores), ou seja, design é uma atividade comum aos humanos, "constitui o processo de design o planejamento e entendimento de padrões de qualquer ação para alcançar um fim desejável e prospectável" (Papanek, 1990, p. 322. Tradução dos autores). Também Manzini define como "designers difusos" as pessoas que, através de seu senso crítico, criatividade e senso prático adotam uma abordagem de projeção (Manzini, 2017). Ou seja, em um entendimento contemporâneo do design há também uma busca para subvertê-lo em direção a demandas mais éticas, comprometidas com a vida e saúde planetária. Não estando estritamente relacionado a tornar processos produtivos mais eficientes, produtos mais vendáveis e empresários mais ricos, a despeito das múltiplas crises socioambientais. E mais, trata-se de

tentar encontrar modos radicalmente novos de projetar, que possam contribuir com realidades mais justas, saudáveis e prósperas para todo o ecossistema terrestre.

Porém, como já afirmado, o designer não é um ser autônomo e todo-poderoso, o seu impacto está diretamente relacionado às organizações para as quais projeta. Neste sentido, entendemos que mudanças efetivas nos modos projetuais requerem uma outra configuração socioeconômica, e para tal, já existem algumas propostas.

4. Propostas contemporâneas

A partir das contribuições do campo do design e pensamento regenerativo, Fullerton (2015) propõe uma Economia Regenerativa, ou ainda, Capitalismo Regenerativo. O autor parte da ideia que “os padrões e princípios universais que o cosmos utiliza para construir sistemas estáveis, saudáveis e sustentáveis, podem e devem ser utilizados no mundo real como um modelo de referência para o design dos sistemas econômicos”, e então, traça oito princípios-chave que sustentam a saúde sistêmica. Para o autor não se trata de optar entre capitalismo e socialismo, mas de operar uma transição social e econômica de maneira que o sistema vigente funcione para as pessoas e para o planeta. Os princípios traçados falam sobretudo de uma sensibilidade e coerência acerca da interdependência dos sistemas, bem como uma atuação mais empoderada de pessoas e comunidades locais em uma visão que expande o conceito da riqueza para além do monetário, englobando também o bem-estar sociocultural e a saúde dos ecossistemas físicos. No entanto, o porquê do autor manter em sua proposta o termo Capitalismo parece questionável, e poderia ser fonte de investigação para uma nova pesquisa.

Mais interessante é a narrativa utópica de um sistema econômico alternativo criada pelo norueguês Ove Jakobsen (2017), professor de Economia Ecológica por mais de 20 anos. Jakobsen cria uma visão onde a economia está aninhada e à serviço dos ecossistemas sociais e naturais. Ou seja, deixa de ser um sistema autossuficiente e dominante para operar dentro de uma perspectiva ecológica. Para o autor, a implementação de profundas transformações depende da nossa habilidade em criar uma nova história que, ainda que utópica, seja baseada na realidade em que vivemos, ou seja, para que possamos criticar e nos distanciar de ideologias que nos impedem de alcançar a harmonia entre natureza e sociedade.

Em seu livro, Jakobsen (2017) apresenta diversas teorias (entre elas a filosofia do processo de Whitehead (Jakobsen, 2017, p.10), que também inspirou Latour) e introduz uma relevante demarcação entre o que chama de “green economics” e “ecological economics”. Para o autor, “green economics” é parte do paradigma ou ideologia vigente, e trata os sintomas das crises que estão enraizadas na inadequada forma de enxergarmos e operarmos com o mundo real. Já “ecological economics” ou economia ecológica representa um paradigma alternativo, ou uma utopia, que denuncia a própria visão de mundo mecanicista como o problema primeiro que nos leva ao vigente e deficiente paradigma econômico neoclássico.

Em sua proposta de “Utopia VSO” (*viable organic society*), o autor detalha (Figuras 1 e 2) como funcionaria a economia ecológica em uma sociedade futura, em que são modificadas quatro dimensões interconectadas e interdependentes:

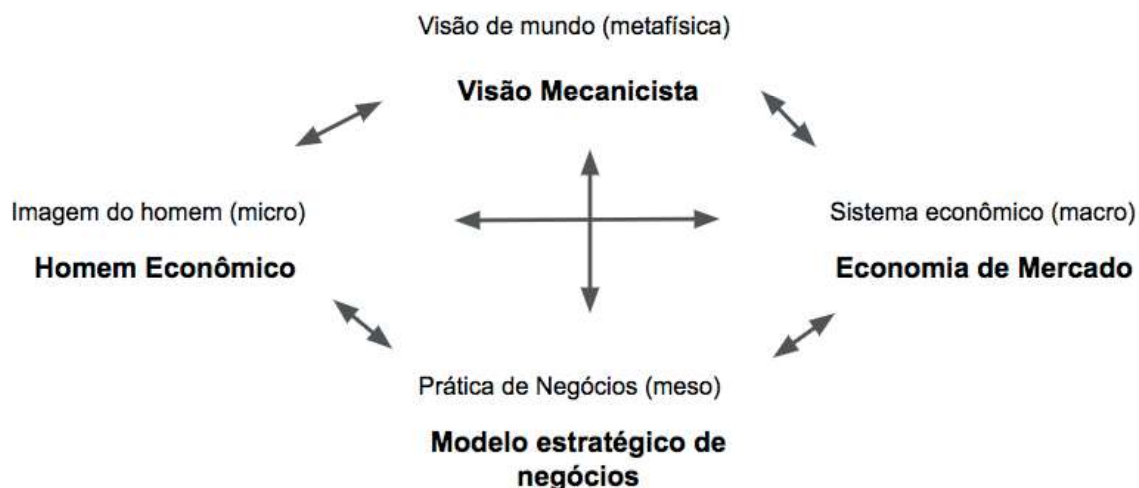


Figura 1 - Ideologia dominante. Fonte: elaborado pelos autores a partir de JAKOBSEN, 2017, p. 214.

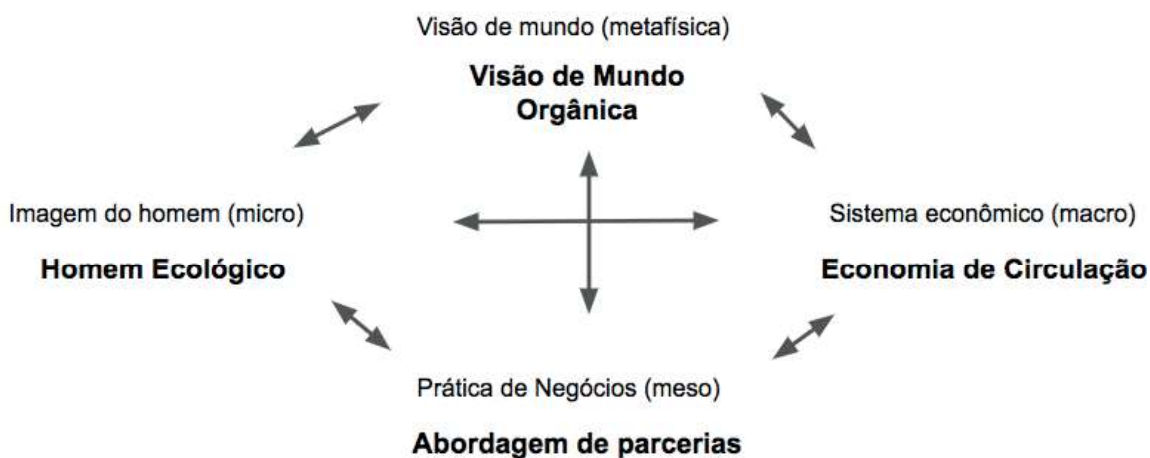


Figura 2 - Utopia VSO. Fonte: elaborado pelos autores a partir de JAKOBSEN, 2017, p. 214.

Visão de mundo (metafísica) - de Mecanicista para Orgânica; Sistema econômico (macro) - de Economia de Mercado para Economia de Circulação (circularidade); Prática de Negócios (meso) - de Modelo estratégico de Negócios para Abordagem de parcerias; e a Imagem do homem (micro) - de Homem econômico a homem ecológico (Figuras 1 e 2). Nesta futura economia utópica são valorizadas as redes, a autossuficiência local, as parcerias, a distribuição/descentralização, enfim, uma economia aninhada que favorece redes de valores circulares, onde há uma mútua dependência que favorece a saúde ecossistêmica e convoca um ecocentrismo.

Nestes cenários imaginados por Fullerton e Jakobsen, encontramos uma grande oportunidade para o desenvolvimento do design, não somente na busca do equilíbrio ecotecnológico preconizado por Manzini, que poderia auxiliar em uma positiva transição dos

modelos produtivos, mas também para a crítica dos modelos vigentes e a criação de narrativas e estéticas alternativas e consonantes com uma diferente visão de mundo. Quantas práticas poderiam ser aprofundadas e reinventadas à luz de novos paradigmas! Também poderia o designer ser promotor da saúde planetária e convivência harmônica dos seres humanos com as demais manifestações da natureza. Entendemos como muito profícua a pesquisa de teorias que amparam tal visão de mundo, para que possa inspirar modos projetuais que hoje possam parecer utópicos.

Ainda no contexto de um pensamento regenerativo para uma reinvenção do design, temos alguns autores que são referência, como o colombiano Arturo Escobar. Tal qual Latour, Escobar (2016) aborda as diferenças ontológicas da visão de mundo do ocidente moderno e de outras culturas, como as culturas ancestrais. De acordo com o que apresenta, o ocidente moderno pauta-se sobretudo em um racionalismo, onde há uma visão dual, de clara separação entre a natureza e o ser humano. De acordo com essa visão moderna, criamos formas de entender e estar no mundo que são inclusive “desfuturizantes”, de acordo com a proposta de Tony Fry (2015). Desfuturizantes na medida em que roubam as condições futuras de vivermos como sociedade de forma saudável no mundo.

No entanto, há outras territorialidades (Escobar, 2016, p. 22), que são vividas e construídas desde outra ontologia, uma ontologia relacional, que contrasta com a ontologia da separação e dualidade ocidental moderna. Nesta outra compreensão e agência no mundo, povos indígenas colombianos (Kogui, arhuaco, wiwa e kankuamo da Sierra Nevada de Santa Marta), consideram a si mesmos “irmãos maiores” de toda a humanidade, encarregados de manter o equilíbrio universal. Este equilíbrio começa por seu território, que é visto de maneira integral onde o físico e o espiritual se articulam e onde todos os atores (humanos e não humanos) têm uma relação e um lugar (Escobar, 2016, p. 91-92).

Escobar (2016) realiza também uma exploração do design para a sustentabilidade, e expõe como o marco do 'design ontológico' opera uma transformação na maneira de perceber o design e atuar como designers. Uma vez que - como proposto por Winograd e Flores (1986) – “ao projetar ferramentas, nós humanos projetamos as condições de nossa existência, e por sua vez, as condições de nosso projeto” (Escobar, 2016, p. 128), ou seja, para projetar novas formas de ser que possam desconstruir a insustentabilidade sistêmica presente em nosso mundo, precisamos assumir uma outra visão de mundo, orientada à convivialidade e comunalidade.

Escobar propõe, em continuidade ao design ontológico, o design autônomo, que encontra muitas convergências com o design para a transição. O autor se fundamenta especialmente nas teorias de Maturana e Varela (1995) e na fenomenologia Heideggeriana para criar um enfoque político-ontológico para imaginar caminhos de práticas de design que contribuam com a defesa de territórios e culturas - projeto de uma comunidade para ela mesma, por isso design autônomo ou para autonomia. O design autônomo é uma proposição de imaginação radical do design focado nos movimentos sociais e coletivos, onde a autonomia e a comunalidade são os conceitos para uma nova forma de pensar o design.

De acordo com Escobar (2016), esse novo design serviria aos coletivos afrodescendentes, indígenas e camponeses, para buscar a reelaboração de novas formas de saber-ser-fazer que manifestam a convicção de que outro mundo é realmente possível. “Um mundo onde caibam todos os mundos”, o autor traz a frase do movimento zapatista (Escobar, 2016, p. 10). Escobar recorre a entendimentos de como a biologia funciona (recorrendo aos estudos de Maturana e Varela) para compreender a autonomia como essencial característica para a autopoiesis - a capacidade do sistema vivo de autoproduzir-se.

Escobar apresenta, em seu livro “Autonomia y diseño - La Realización de lo Comunal” (2016), um caso teórico que exemplifica algumas premissas da abordagem proposta. A partir do contexto do Vale do Cauca na Colômbia (Figura 3), o autor analisa o contexto da região e a tentativa de desenvolvimento regional que se revelou bastante nociva para o meio ambiente e a população da região por suas condições desfuturizantes e insustentáveis. E apresenta perspectivas que poderiam fazer a transição do vale para um futuro sustentável, onde a região fosse realmente um bastião agroecológico suportado e suportando uma rede descentralizada e multicultural de produtores e vilas de pequeno e médio porte.



Figura 3 - Valle Del Cauca - Também conhecido como Monstro Verde pelos cortadores negros, por causa dos imensos canaviais que contribuem com a degeneração local através do desmatamento, erosão da biodiversidade, do solo e colinas, exaustão, sedimentação e contaminação de aquíferos e os problemas respiratórios devido às cinzas produzidas pela queima periódica da cana após cultivo. Fonte: ESCOBAR, 2016.

O autor entende como fundamental para o trabalho o codesign, ou seja, o design participativo entre organizações colaborativas, que durante um longo período colocariam em marcha a transição do Vale do Cauca. Começariam criando uma visão nova e radical para uma mudança em grande escala da região. Importante destacar que tais organizações deveriam representar a diversidade dos povos e movimentos sociais e culturais. A transição começaria dando visibilidade às rupturas civilizatórias e as práticas desfuturizantes do modelo atual. Passaria por conhecer os projetos de vida das comunidades e coletividades envolvidas, inclusive as marginalizadas e articular uma noção bio-regional pluriversal, indo além da narrativa popular dominante. Para então propor uma diversidade de ações que estimulem a participação comunitária nos projetos e construções de cenários explorando o decrescimento, o *Buen Vivir*, o design comunal (também entendido como vernacular ou difuso), e novas expressões artísticas e meios de comunicação que desestabeleçam o discurso "popular" e posicionem o novo discurso no imaginário coletivo.

Também nós, autores deste artigo, publicamos Princípios e Movimentos para Processos Projetuais Regenerativos (Garcia; Freire; Franzato; 2023). Uma síntese de abordagem teórico-metodológica que utiliza as três ecologias de Guattari (do meio ambiente, das relações sociais e das subjetividades) como enquadramento projetual, e se inspira nos mais recentes desenvolvimentos do Design para a Sustentabilidade e Design Regenerativo. Nesta proposição

temos a introdução de modos projetuais que incentivam a adoção de uma perspectiva ecossistêmica, ecológica, que também conta com uma ética cartográfica para seus mapeamentos - que vão além da mera representação e reprodução das realidades, para agenciar a catalisação de movimentos em direção a realidades mais saudáveis, justas, singulares e solidárias.

Nesta proposição são apresentados princípios da prática regenerativa, que são interdependentes e se reforçam mutuamente. Podem ser direcionadores de atitudes, de processos e de cenários prospectados. São eles: Cuidar para permitir a emergência da saúde integral; Promover a autonomia em relações recíprocas e fluxos circulares; Buscar a coevolução resignificando e desenvolvendo relações de valor como ecossistema; Autotransformar-se a partir de uma visão ecossistêmica; Desenvolver comunalidade através da eco dialogicidade; e Desenvolver o conhecimento ecológico de interexistência. Os movimentos do design estratégico regenerativo são: mapeamento da singularidade da organização e do seu lugar; o mapeamento e prospecção de sua vocação - que seria o papel agregador de valor a supra e subsistemas; e a catalisação na identificação de capacidades e intervenções que devem ser reforçadas ou desenvolvidas para que a organização viva sua singularidade e vocação. Tais movimentos e princípios almejam a criação de condições para a emergência de processos regenerativos.

As contribuições de tal abordagem são principalmente uma ênfase na atuação a partir de uma visão ecossistêmica e a consideração do trabalho localizado que ao mesmo tempo contribua com um impacto/valor que reverbere positivamente entre as escalas de sistemas aninhados. Também, procura-se incluir nas atitudes e modos projetuais propostos um olhar para a implicação e autotransformação do sujeito designer, algo pouco explorado no âmbito do Design.

5. Considerações Finais

Neste ensaio apresentamos as origens do design moderno, através das quais é possível compreendê-lo como um tipo de design intimamente ligado aos objetivos e desenvolvimentos da produção industrial. Já nesta época, referências como William Morris alertavam sobre os perigos que tal design poderia oferecer à sociedade, neste contexto de mecanização e capitalismo. Morris vislumbrou uma utopia, que apresenta semelhanças com estéticas imaginadas mais de um século depois - as utopias seguem sendo uma produção projetual de resistência aos modelos hegemônicos.

No desenvolvimento do campo do design frente às questões socioambientais, diferentes autores propuseram abordagens outras, como Papanek, Manzini e os pesquisadores/praticantes do Design Regenerativo. Tais abordagens inspiram até mesmo uma redefinição da economia em direção às perspectivas ecológicas.

Desta forma, partimos da contextualização do design moderno às propostas contemporâneas para uma reinvenção de nossos modos projetuais à luz de uma mudança metafísica e ontológica. Neste contexto, o design deixaria de ser apenas um operador das lógicas industriais e capitalistas, para apoiar um processo de transição social que está comprometida com a regeneração e a criação de condições para a saúde ecossistêmica.

Entendemos que essa mudança está ainda em seu começo, apesar de haver muitas inspirações que remontam a tempos ancestrais. Ou seja, não existe apenas um tipo de design, mas muitos, que podem até preceder ao design industrial moderno. E o design, enquanto profissão e enquanto uma busca intencional e coletiva de realidades e futuros mais



regenerativos, se desenvolve ainda para oferecer abordagens teórico-metodológicas orientadas à uma visão de mundo mais orgânica/ecológica e processual.

Agradecimentos

Natalí Abreu Garcia conta com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Carlo Franzato conta com o apoio da bolsa de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e, também, com o financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), no escopo do Programa de Apoio a Projetos Temáticos no Estado do Rio de Janeiro (projeto Gávea Lab, processo número E-26/210.079/2023).

Referências

ARAÚJO, R. B. A concepção do trabalho na utopia libertária de William Morris. **Revista Emblemas**, Catalão, v. 1, p. 11-246, Maio de 2014. Disponível em <https://periodicos.ufcat.edu.br/emblemas/article/view/35714>. Acesso em 14 jun 2023.

BRUSEKE, F. J. O problema do desenvolvimento sustentável. In: CAVALCANTI, C. (Org.). **Desenvolvimento e natureza: Estudos para uma sociedade sustentável**. Recife: INPSO/FUNDAJ, 1994. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/brasil/pesqui/cavalcanti.rtf>. Acesso em 14 jun 2023.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014.

CARDOSO, R. **Uma introdução à história do design**. São Paulo: Edgard Blucher, 2000.

CAVALCANTI, C. Sustentabilidade da economia: paradigmas alternativos de realização econômica in CAVALCANTI, C. (Org.). **Desenvolvimento e natureza: Estudos para uma sociedade sustentável**. Recife: INPSO/FUNDAJ, 1994. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/brasil/pesqui/cavalcanti.rtf>. Acesso em 14 jun 2023.

CESCHIN, F.; GAZIULUSOY, I. Evolution of design for sustainability: from product design to design for system innovations and transitions. **Design Studies**, v. 47, p. 118-163, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.destud.2016.09.002>. Acesso em: 27 ago. 2023.

ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño**. La realización de lo comunal. Popayán: Universidad del Cauca, 2016.

FORTY, A. **Objetos de desejo: design e sociedade desde 1750**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRY, T.; DILNOT, C. e STEWART, S. **Design and the Question of History**. Londres: Bloomsbury, 2015.

FULLERTON, J. **Capitalismo regenerativo**. Cómo los principios y patrones universales determinarán nuestra nueva economía. Bogotá: Capital Institute, Centro de Estudios para el Desarrollo Sostenible. 2015. Disponível em:



https://www.academia.edu/35597352/CAPITALISMO_REGENERATIVO_C%C3%B3mo_1_os_principios_y_patrones_universales_determinar%C3%A1n_nuestra_Nueva_Econom%C3%ADa. Acesso em 14 jun 2023.

GARCIA, N. A.; FREIRE, K. M.; FRANZATO, C. Princípios e movimentos para processos projetuais regenerativos. *Mix Sustentável*, v. 9, n. 2, p. 63-74, 2023. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/5706>. Acesso em: 7 ago. 2023.

HARMAN, G. **Prince of Networks: Bruno Latour and Metaphysics**. Melbourne: re.press, 2009.

JAKOBSEN, O. **Transformative Ecological Economics: Process Philosophy, Ideology and Utopia**. New York: Routledge Studies in Ecological Economics, 2017.

MANG, P.; REED, B. Regenerative Development and Design. In: MEYERS, R. A. (org.). **Encyclopedia of Sustainability Science and Technology**. Springer, New York, 2012, p. 8855-8879.

MANZINI, E. **Artefactos: Hacia una nueva ecología del ambiente artificial**. Madrid, España: Celeste Ed. y Experimenta Ediciones de Diseño, 1992.

MANZINI, E. **Design para a Inovação Social e Sustentabilidade: comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais**. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

MANZINI, E. **Design quando todos fazem design**. Uma introdução ao design para a inovação social. Coordenação de tradução Luzia Araújo. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2017.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Psy II, 1995.

PEVSNER, N. **Os pioneiros do desenho moderno: de William Morris a Walter Gropius**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WINOGRAD, T.; FLORES, F. **Understanding computers and cognition: a new foundation for design**. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1986.